

---

## **A radioreportagem segundo as características apontadas por Gisela Swetlana Ortriwano<sup>1</sup>**

Lourival da Cruz GALVÃO JÚNIOR<sup>2</sup>  
Universidade de Taubaté, SP / Centro Universitário Módulo, Caraguatatuba, SP

Luciano Victor Barros MALULY<sup>3</sup>  
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **RESUMO**

Promover reflexões baseadas em acervos teóricos clássicos é, na contemporaneidade, imprescindível à compreensão da formação em Radiojornalismo. Gisela Swetlana Ortriwano desponta neste contexto por fomentar relevante contribuição acadêmica que, apesar de ter cessado há 16 anos, é conectada com os rumos do segmento para o qual dedicou grande parte da vida. Dos aportes da autora destacam-se considerações referentes às características do rádio, compreendidas como condizentes às diversas práticas jornalísticas, como a radioreportagem. É deste âmbito que surge o presente artigo que se propõe a promover reflexões teóricas acerca da radioreportagem baseadas nas características esmiuçadas por Ortriwano. Para tanto empreendeu-se pesquisa bibliográfica que revelou a atualidade e pujança de um legado teórico que serve como referencial para o presente e futuro do ensino do Jornalismo e do Rádio.

**PALAVRAS-CHAVE:** Radiojornalismo; Formação; Teorias; Ortriwano.

### **INTRODUÇÃO**

Gisela Swetlana Ortriwano, professora e pesquisadora que fez parte do quadro de docentes do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (CJE-ECA/USP) é notadamente uma referência no Brasil àqueles que se dedicam à pesquisa e ao ensino do Jornalismo, especialmente o radiofônico. A afirmação sustenta-se não só pelo fato de a obra dessa Ecana integrar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo (1994) e Mestrado em Linguística Aplicada (2001) pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2015), onde também faz Pós-doutoramento (2019). Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Administração da UNITAU. Professor e coordenador dos cursos de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda do Centro Universitário Módulo de Caraguatatuba/SP. E-mail: [galvaojr@uol.com.br](mailto:galvaojr@uol.com.br)

<sup>3</sup> Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (1995), Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1998), Doutorado em Ciências da Comunicação (2002) e Livre-Docência (2016), ambos pela Universidade de São Paulo, além de Pós-Doutorado na Universidade do Minho, em Portugal (2011). Professor e pesquisador na Universidade de São Paulo (USP), com experiência na área de Comunicação, com ênfase em radiojornalismo e jornalismo esportivo. E-mail: [lumaluly@usp.br](mailto:lumaluly@usp.br)

parte dos planos de ensino de muitos professores que atuam nas principais Instituições de Ensino Superior do país, mas porque esses estudos formam uma base teórica densa e em sintonia com o passado, o presente e o futuro do Jornalismo e, sobretudo, do rádio. Trata-se de um referencial representativo que se configura como modelo para o ensino da Comunicação.

Jornalista, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Gisela Swetlana Ortriwano foi a primeira pesquisadora a obter título de doutorado no Brasil com um estudo exclusivo sobre rádio, como destacado na pesquisa de Leandro Gouveia, na Escola de Comunicações e Artes também da USP, em 2011. A docente, que nasceu em 07 de junho de 1948 em *Füssen*, Alemanha, e faleceu em 19 de outubro de 2003, em São Paulo, teve o sobrenome “Ortriwano” transformado em citação recorrente nas referências bibliográficas de inúmeros trabalhos científicos.

O trabalho desenvolvido por ela no rádio e também na televisão foi reconhecido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP, que a homenageou com o nome do laboratório de Telejornalismo, uma vez que o nome do laboratório de Radiojornalismo já tinha sido concedido a outra importante referência do jornalismo audiovisual, João Walter Sampaio Smolka, autor do livro *Jornalismo audiovisual – teoria e prática do jornalismo no rádio, na televisão e no cinema* (1971).

O nome “Gisela” também ganhou valorização especial na academia, tanto que diversos investigadores não veem estranhamento com o termo “Giselista”, neologismo identitário dos que apreciam, adotam, disseminam e elaboram produções científicas alicerçadas, de forma significativa, no acervo edificado pela professora Gisela Swetlana Ortriwano que, a partir de 1974, começou a manter vínculo trabalhista com USP.

A contemporaneidade desses estudos é evidenciada em textos das mais díspares temáticas, nascidos no decorrer de um percurso acadêmico longo, frutífero e forjado, acima de tudo, no apreço e paixão pelo rádio. Esses ensinamentos abordaram assuntos urgentes e presentes na pauta contemporânea de discussões envolvendo Comunicação e Radiojornalismo. Entre eles destaca-se o fenômeno da convergência digital, proposição recorrente em diversas pesquisas que também recebeu atenção minuciosa da docente, meses antes de seu passamento. O assunto, examinado por uma enormidade de estudos neste início de século, já fora tratado com a devida profundidade por Ortriwano em

*Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história*<sup>4</sup>. Nesse artigo, a pesquisadora revisita, dentre outras abordagens, conceitos clássicos que ela ajudou a consolidar, como o que trata da instantaneidade no rádio que, à época, remodelava seus contornos devido a inserção do rádio no recém explorado campo das tecnologias digitais e da internet.

A docente do CJE-ECA/USP asseverava que particularidades antes relacionadas à simultaneidade na recepção das ondas eletromagnéticas não permitiam às audiências “voltarem no tempo” e resgatarem, de imediato, conteúdos noticiosos e musicais que não fossem apreendidos no momento da audição. Naquele texto, essa condição foi compreendida pela autora como detentora de um novo aspecto, então oriundo da convergência experimentada pelo rádio contemporâneo no ambiente virtual. “Mesmo nas transmissões ao vivo, os *sites* podem disponibilizar os arquivos de áudio para que os ouvintes possam escutá-los posteriormente, *on demand*” (ORTRIWANO, 2003, p. 81).

A migração contínua das emissoras analógicas à esfera digital, a produção e a diversificação de conteúdos sonoros específicos para essa nova ambiência e a presença massiva da “telefonia celular, que fez com que o rádio ganhasse ainda mais agilidade, potencializando seu caráter imediatista” (*Idem, Ibidem*) são outras questões também exploradas pela professora Gisela. De forma implícita, a pesquisadora da USP desvelou um jornalismo radiofônico que precisa estar atento à transmutação de um público que, em parte, mantém antigos hábitos de audiência e, em outra parte, altera gradativamente comportamentos em decorrência do aumento na capacidade de interação amplificada pela reconfiguração promovida pelas tecnologias digitais e preferência à internet.

Ortriwano deixou latente a ideia de que é imprescindível estimular a formação de profissionais sintonizados a esse novo contexto que se renova rapidamente e que se distancia de um modelo tradicional que se diluiu gradativamente com o rápido passar do tempo. Ao considerar que cabe também ao destinatário o papel de emissor de conteúdos, estabelecendo assim “um fluxo de informação com duas mãos de direção: a tecnologia forçando o diálogo real entre emissor e receptor” (*op. cit.* p. 85), a autora revela preocupação com os rumos e reconfigurações do “fazer” jornalístico.

Capacitar profissionais para atuarem como jornalistas em emissoras de rádio que são impelidas a ultrapassar a fronteira das ondas eletromagnéticas para se estabelecerem na internet, onde conteúdos sonoros convergem com expressividades comunicacionais

---

<sup>4</sup> Texto publicado pela Revista USP, edição nº 56, p. 66-85, em dezembro/fevereiro 2002-2003.

distintas, foi apenas uma das muitas reflexões possíveis que podem ser suscitadas por Ortriwano. Nota-se do mesmo modo na obra da docente a inquietação em compreender o que é o rádio em sua totalidade, como foi notado noutro texto<sup>5</sup> sobre as características atinentes a esse popular meio de comunicação<sup>6</sup>. Observou-se, naquele estudo, que tais particularidades consagradas por Ortriwano em sua obra clássica – o livro *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos* (1985) – adaptam-se integralmente ao contexto tecnológico atual um vez que, em essência, elas determinam a estrutura do rádio, seja em transmissão por ondas eletromagnéticas, seja por acesso via internet.

Ao resgatar essa diminuta, mas relevante fração da obra de Ortriwano, foi possível identificar como crível a oportunidade de investigar, de maneira abrangente, um acervo que serve de modelo ao ensino da Comunicação e que estimula a promoção da pesquisa e da formação acadêmica comprometida com o preparo de profissionais críticos, socialmente comprometidos e prontamente aptos para atuar no jornalismo e, particularmente, no rádio<sup>7</sup>.

Esses ensinamentos mostram a importância de revisar o processo de qualificação profissional devido aos desafios presentes e futuros do campo comunicacional, condição que exige dos docentes e dos pesquisadores uma contínua reavaliação e atualização dos conteúdos teóricos ministrados nas salas de aula e das ações práticas efetivadas nos laboratórios. Percorrer tal caminho é uma das condições que promovem a aderência do ensino à realidade.

É desta urgência que desponta o presente artigo, que doravante apresentará reflexões sobre as características do rádio consagradas no meio acadêmico por Gisela Swetlana Ortriwano aplicadas à radioreportagem. Para esse fim efetivou-se pesquisa bibliográfica que priorizará obras da autora, assim como outros referenciais.

---

<sup>5</sup> Apresentado em setembro de 2018 ao grupo de pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1600-1.pdf>

<sup>7</sup> Tal propositura originou o projeto de pós-doutoramento “Modelo Giselista para o ensino da Comunicação: a contribuição de Gisela Swetlana Ortriwano ao Jornalismo”, de autoria do prof. Dr. Lourival da Cruz Galvão Júnior, sob supervisor do prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly, aprovado pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo em abril de 2019.

---

## A RADIORREPORTAGEM

O verbo transitivo “reportar” refere-se ao “ato de retroceder, moderar, atribuir ou referir”<sup>8</sup>. O substantivo feminino “reportagem” reafirma essa atribuição que deve ser preferencialmente exercida pelo repórter, que no rádio pode ter seu trabalho “gravado para posterior apresentação, como ir ao ar em transmissão direta” (ORTRIWANO, 1985, p. 101).

A segunda edição do *Dicionário da Comunicação* (2014, p. 403), ressalta que, na esfera dos gêneros jornalísticos, “a reportagem se desloca da notícia e se desdobra em um sem-fim de tipos entre os quais se destacam a reportagem investigativa, a reportagem de precisão, entre outras tantas”. No contexto do jornalismo informativo, a *Enciclopedia Intercom de Comunicação* (2010, p. 738) considera a reportagem como sendo “a narrativa em torno das causas e consequências”. Com ela, ao adotá-la como técnica, “o jornalista ganha espaço para trabalhar com a interpretação, aprofundamento e desdobramentos de determinado acontecimento. do acontecimento” (*op. cit.*, p. 1150).

Ao ser aplicada à prática do Radiojornalismo, a reportagem é reafirmada como uma atribuição elementar do repórter, que é responsável pela cobertura dos assuntos, pela coleta das informações, pela realização de entrevistas e pela elaboração das mensagens difundidas pelo rádio. A partir de uma pauta, este profissional deve se deslocar até onde está a notícia. Assim, deve, invariavelmente, “sair à rua” buscando a informação (ORTRIWANO, 1985, p. 101). Compreende-se assim que, cabe ao repórter, no decorrer do processo de elaboração deste gênero textual, o resgate dos fatos e das versões vinculadas a uma determinado temática ou assunto, bem como a moderação e o direcionamento dos fluxos informacionais e a aplicação das referências relativas às mais heterogêneas fases ou aspectos que envolvem a notícia.

Baseadas em Brecht, as ponderações de Ortriwano (1985) permitem considerar que, assim, o cerne da reportagem está no propósito de ampliar aquilo que, no rádio, será dito para ser ouvido. No contexto histórico, até que ocorresse a consolidação da credibilidade perante às audiências, o Radiojornalismo brasileiro e, por consequência, a radioreportagem, apresentaram em suas trajetórias momentos de experimentalismo. Não havia qualquer tipo de técnica apurada ou estratégia à produção dos conteúdos

---

<sup>8</sup> Conceituação básica com similaridades no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2013) e nos dicionários *onlines* Priberam da Língua Portuguesa, Aulete, Houaiss e Michaelis.

sonoros. Destacaram-se nesse sentido às alternativas encontradas por Edgard Roquette-Pinto que, juntamente com Henry Morize e intelectuais da Academia Brasileira de Ciências, instalou oficialmente em 20 de abril de 1923 a radiodifusão no Brasil, com o início das operações da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro<sup>9</sup>. Roquette-Pinto acordava por volta das cinco horas, lia os jornais matutinos, circulava as notícias com um lápis vermelho, e, após duas horas, estava à frente do microfone, lendo e comentando os trechos assinalados, como relata o professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Luiz Artur Ferraretto (2011, p. 17).

O conteúdo fragmentado de forma improvisada era apresentado no *Jornal da Manhã*, que ganhou destaque pelos comentários e opiniões emitidas sobre os fatos. A prática foi readequada mais tarde nas redações e recebeu o nome pejorativo de *Gilete Press*<sup>10</sup>, em alusão ao uso da lâmina de barbear que, a exemplo das tesouras, réguas ou qualquer outro material cortante, era empregado para recortar as notícias dos jornais impressos que seriam lidas posteriormente pelos locutores durante os radiojornais. “Não existiam ainda repórteres nas rádios, apenas locutores, abastecidos pela *recortagem* dos jornais” (ORTRIWANO, 2003, p. 69). A técnica de caráter pernicioso tornava mais fácil o manuseio das notas impressas e ainda evitava-se levar, ao estúdio, o calhamaço inteiro do jornal que, ao ser folheado, poderia gerar ruídos que inevitavelmente seriam captados pelos microfones e audiências. A iniciativa caracterizava o imprevisto e atraso vivenciado pelo jornalismo no rádio:

Nos anos 20, nossos jornalistas no rádio limitavam-se aos jornais falados, predominantemente a leitura dos jornais impressos ao microfone das emissoras, e às crônicas. Enquanto isso, nos Estados Unidos, os repórteres já transmitiam diretamente do palco da ação (ORTRIWANO, 1990, p. 44).

A produção do noticiário no rádio brasileiro vivenciou considerável mudança a partir de 28 de agosto de 1941, quando entrou no ar um radiojornal revolucionário que foi referência à maioria das emissoras do país, o *Repórter Esso*, transmitido inicialmente

---

<sup>9</sup> Ortriwano (1985, p. 13) relembra, contudo, que as primeiras transmissões experimentais foram feitas pela Rádio Clube de Pernambuco em 6 de abril de 1919. Sobre o tema desenvolve-se pesquisa de Pós-doutoramento, na ECA/USP, do professor Pedro Serico Vaz Filho, da Universidade Anhembi Morumbi, que investiga os 100 anos do rádio no Brasil.

<sup>10</sup> Na atualidade, a manipulação mal-intencionada das tecnologias digitais perpetua essa pernicioso conduta em muitas emissoras do país, que constroem seus noticiários na base do popular “copia e cola”.

pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro<sup>11</sup>. Narrado por Heron Domingues e patrocinado pela empresa Esso Brasileira de Petróleo, o programa foi veiculado anteriormente em Nova York, Buenos Aires, Santiago, Lima e Havana, afinado com “a política de boa vizinhança” estabelecida pelos Estados Unidos com a América Latina no final da primeira metade do século passado (FERRARETTO, 2011).

Apesar de inovador à época, o *Repórter Esso* revelou um conceito parcial de radioreportagem, pois apenas o apresentador falava e o trabalho do repórter era apurar fatos para redação da reportagem na forma de uma lauda, com no máximo 15 linhas de texto. “Trata-se de uma adaptação do trabalho do repórter do jornal impresso”, como relata Nivaldo Ferraz na tese de doutorado *Reportagem no rádio: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem* (2017, p. 59).

O registro histórico mais antigo de uma radioreportagem no Brasil é de 25 de janeiro de 1937, pela Rádio São Paulo, pela qual o repórter João Ferreira Fontes transmitiu *ao vivo* a parada militar pelo aniversário da capital paulista. Para tanto, o repórter utilizou um transmissor portátil de 10 quilos durante o trajeto de 10 quilômetros da parada (FERRAZ, 2017, p.47). O segundo registro histórico posterior de reportagem externa de rádio é de 1952, com o *Comandos Continental*, da Emissora Continental do Rio de Janeiro. A ação estabeleceu o primeiro modelo de operação de reportagem no rádio brasileiro (*op. cit.*, p. 62).

Ortriwano (2003) destaca que os avanços tecnológicos foram determinantes ao rádio, sendo viável considerar a condição também extensiva à radioreportagem, que pôde explorar os mais distintos ambientes e circunstâncias. “O gravador magnético deu ao rádio maior agilidade, mais versatilidade, barateou custos [...] e melhorou a qualidade das gravações externas. [...] Passou a ser viável fragmentar entrevistas, depoimentos, etc, e remontar trechos selecionados” (*op. cit.*, p. 76). Ressalta-se também a contribuição do transistor que, “apresentado ao mundo em 1947, começa a se popularizar alguns anos depois, simplificando o processo e melhorando a qualidade das transmissões radiofônicas” (*Idem, Ibidem*).

---

<sup>11</sup> Além da Rádio Nacional, o radiojornal foi também apresentado no mesmo ano pela Rádio Record de São Paulo. Em pouco mais de 12 meses o Repórter Esso foi transmitido pelas rádios Farroupilha, do Rio Grande do Sul; Inconfidência, em Belo Horizonte; e Clube de Pernambuco, em Recife (FERRARETTO, 2011, p. 21).



---

## REFLEXÕES SOBRE A RADIORREPORTAGEM, AS TECNOLOGIAS E AS CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO

Ortriwano (1985), ao conceituar os elementos primordiais que caracterizam o rádio destaca, no âmbito tecnológico, a penetração geográfica, a instantaneidade, o imediatismo, o baixo custo, a mobilidade e a autonomia. No tocante à tecnologia digital observam-se ainda contribuições significativas às citadas características, que passam a ser analisadas a seguir.

A penetração geográfica refere-se à difusão das ondas eletromagnéticas que permitem a disseminação e a recepção sonora em grande escala em localidades não beneficiadas por outros meios, o que favorece ainda o regionalismo, uma vez que a tecnologia analógica do rádio “permite a existência de emissoras locais, que poderão emitir mensagens mais próximas ao campo de experiência do ouvinte” (ORTRIWANO, 1985, p. 79).

Registro da capacidade de penetração geográfica pôde ser notado durante às transmissões da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, em 2014. Na região nordeste, no sertão de Pernambuco, dois aparelhos de rádio alimentados por pilhas foram a única tecnologia que índios Xucurus usaram para acompanhar os jogos da seleção brasileira e, por consequência, a atuação do jogador Paulinho, um dos descendentes mais ilustres daquela tribo. Na aldeia Xucuru, distante 215 quilômetros da capital pernambucana, Recife, não havia “água encanada, nem energia elétrica, nem sinal de celular”, como destaca matéria publicada no *site* UOL, do repórter Rodrigo Bertolotto (2014).

A capacidade de atingir localidades isoladas, difundindo conteúdos jornalísticos e radioreportagens diversas indica que o rádio é voltado às “necessidades individuais do povo, em diferentes horas do dia, bem em sintonia com a multiplicidade de aparelhos receptores nos quartos, banheiros, cozinhas, carros e – agora – bolsos”, conforme já indicava o teórico da comunicação, o canadense Herbert Marshall MacLuhan (1971, p. 244). Na atualidade, o acesso *online* aos conteúdos radiofônicos potencializou a penetração geográfica, tornando mais diversificada as formas de transmissão e de acesso aos conteúdos sonoros.

Todavia, a questão da desigualdade no acesso no que se refere à distribuição territorial revela-se preocupante, como revelam os dados da pesquisa TIC Domicílios, do Núcleo de Informações e Comunicação do Comitê Gestor da Internet (CGI-Br).



---

“Segundo o levantamento, o percentual de residências conectadas é de 59% nos centros urbanos, enquanto as áreas rurais ficam com 26%. Já ao analisar as regiões do país, enquanto o Sudeste tem 64%, o Nordeste conta com 40%” (CANALTECH, 2017).

Para Ortriwano (1985), o imediatismo na transmissão e a instantaneidade na recepção dos conteúdos são características que, no rádio, tem aplicações distintas. No imediatismo, “os fatos podem ser transmitidos no instante em que ocorrem” devido a menor complexidade técnica para o manejo dos aparatos, enquanto na instantaneidade “a mensagem precisa ser recebida no momento em que é emitida”. A condição beneficia a difusão das radorreportagens no que se refere à mobilização das audiências.

Já a instantaneidade ganhou, na *Web*, conformação diferenciada no tocante às sonoridades, uma vez que *sites* ou aplicativos podem disponibilizar arquivos de áudio para posterior audiência (ORTRIWANO, 2003). É o caso dos *Podcasts* que consistem, em síntese, em áudios gravados em formatos como o MP3 disponíveis para audição ou *download*. Neste formado há, dentre outras distintas aplicações, a disponibilização das radorreportagens que podem ser consumidas em momentos e condições diversas.

Por sua vez, a mobilidade de uso permite às emissoras transmitirem, dos mais diversos ambientes ou localidades, fatos no momento em que eles acontecem. O uso do celular tem tomado o lugar das transmissões externas antes efetivadas quase que exclusivamente por aparelhos de radiofrequência portáteis – os rádios HT (Hand-Talk). No caso da radorreportagem, a cobertura diária dos acontecimentos tornou-se mais ágil e as entrevistas ao vivo foram facilitadas e ampliadas, permitindo a divulgação noticiosa mais rápida e instantânea. “Com o celular, o repórter pode realizar entrevistas ou fazer uma participação ao vivo de qualquer lugar, um tipo de mobilidade muito superior ao telefone sem fio utilizado nas unidades móveis de frequência modulada” (DEL BIANCO, 2014, p. 5). Um exemplo de mobilidade na radorreportagem é o “Bike Repórter”, que percorre bicicleta as ruas para transmitir informações sobre o trânsito, dentre outras. Várias ainda emissoras adotam esse procedimento, principalmente após a massificação do uso do celular. Uma delas é a Rádio Metrôpoles FM, de Brasília<sup>12</sup>.

Das características de maior impacto à popularização do rádio está o “baixo custo”, uma vez que a tecnologia propiciou menor investimento financeiro, seja na aquisição e manutenção de equipamentos de transmissão, seja para compra de aparelhos

---

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/26544-inovaabert-radio-faz-sucesso-com-bike-reporter>>. Acesso em: 01 Jul. 2019.

de recepção analógicos que, como observa a professora e pesquisadora da Universidade de Brasília, Nélia Rodrigues Del Bianco, estão “ao alcance de uma parcela muito maior da população, em comparação a outros meios (DEL BIANCO, 2014).

Aparatos tecnológicos digitais dos mais variados tamanhos, como computadores, tablets e celulares conectados à internet passaram a fazer parte deste rol, principalmente pelas facilidades de acesso ao crédito e por causa da redução dos valores de aquisição. As radioreportagens tiveram custos também mitigados, pois o uso do telefone para entrevistas, entre outros usos, passou a ser somado ao emprego de *chats* e aplicativos para compartilhamento de mensagens, como o *WhatsApp*.

Ortriwano (1985) considera que a autonomia na transmissão e na recepção das mensagens é outra tipificação estrutural do rádio, que “livre de fios e tomadas – graças ao transistor – deixou de ser meio de recepção coletiva e tornou-se individualizado” (p. 81). Por sua conformação tecnológica, o rádio e, por consequência, a radioreportagem, não dependem de estruturas físicas e logísticas robustas para viabilizar emissões, que se tornam dirigidas e individualizadas. A versatilidade na recepção configurou-se como outra condição oriunda dessa característica.

Na era digital, as transmissões e as recepções que empregam os novos aparatos tecnológicos disponíveis potencializam a autonomia, por exemplo, de repórteres que emitem notícias diretamente dos locais dos fatos via celular; e de ouvintes que, enquanto realizam alguma tarefa, acompanham, repercutem e amplificam, de maneira concomitante, conteúdos distintos como as radioreportagens, por intermédio de fones de ouvidos conectados a *smartphones*.

## **REFLEXÕES SOBRE A RADIORREPORTAGEM, A MENSAGEM E AS CARACTERÍSTICAS DO RÁDIO**

Ortriwano (1985) conceituou como elementos primordiais do rádio relacionados à mensagem a linguagem oral e a sensorialidade que, aplicados também no âmbito da radioreportagem, tornaram-se grandes diferenciais perante outras mídias. A linguagem oral é essencial à difusão e à recepção, pois o “rádio fala e, para receber a mensagem, é apenas necessário ouvir” (ORTRIWANO, 1985, p. 78). Por causa desse predicado, a oralidade revelou-se democrática, uma vez que não exige alfabetização de quem ouve, mas capacidade de ouvir e de refletir sobre o que foi dito. O texto é, neste quesito,

elemento que materializa, pelo rádio, os mais distintos significados. Clareza, concisão, coerência e objetividade são, neste contexto, fundamentais à radioreportagem.

O som é o meio físico primordial do qual o rádio tem se valido no decorrer de sua existência para promover ações comunicacionais e estabelecer, no cérebro humano, distintas reações e significados. O som tem a capacidade de estimular na mente dos indivíduos concepções particulares sobre aquilo que é difundido. Ortriwano (1985, p. 80) denomina essa característica de sensorialidade, que envolve “o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um diálogo mental com o emissor”.

Desta característica nota-se que a constituição da narrativa na radioreportagem eclode do complexo emaranhado de sons, que promovem uma estética capaz de projetar o ouvinte, pela mente, ao palco das ações jornalísticas. Na radioreportagem, a captação de áudios nos ambientes onde os fatos ocorrem atua de forma convergente ao texto e a outras sonoridades, como os depoimentos dos entrevistados, criando assim um conteúdo radiojornalístico rico em detalhes e que teve o nítido propósito de deflagrar, na mente dos ouvintes, “visões” contextualizadas de episódios que são narrados.

Destacam-se ainda características complementares às esmiuçadas por Ortriwano em *A Informação no Rádio* (1985). Uma delas é a interatividade, compreendida como atuação mútua entre transmissor e receptor em um ato comunicacional. Sobre o tema, a Ortriwano baseia-se nas *Teorias do Rádio* (1927-1932) formuladas pelo ensaísta alemão Bertolt Brecht (2005) para afirmar que “o rádio, antes de ser um meio de comunicação de massa, era um meio interativo de comunicação, que se viu limitado em sua capacidade bidirecional à medida em que se constituía o sistema econômico de sua exploração” (1998, p. 4).

Para a autora, muitas das potencialidades antevistas por Brecht começam a ser exploradas, incorporando os novos recursos tecnológicos. Contudo, Ortriwano chamava a atenção para uma condição que era evidente no final do século passado:

A participação do ouvinte é limitada a pequenas intervenções, seja por telefone, seja ao vivo. Se o gênero é o jornalismo, predominam as reclamações quanto aos serviços em geral, o testemunho sobre algum acontecimento, via telefone, fax, cartas ou enquete (ORTRIWANO, 1998, p. 4).

Na tese de doutorado *A interatividade no diálogo de viva-voz na comunicação radiofônica*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na

EC-USP, em 2009, a professora da Universidade Estadual Paulista, Suely Maciel incorpora a interatividade entre as características do rádio, ampliando, assim, a proposta de Ortriwano.

Em vista disso, entende-se que a interatividade no rádio não depende exclusivamente dos aparatos tecnológicos para se efetivar. Eles servem para facilitá-la e torná-la mais explícita, trazê-la para o plano concreto, do “audível”. As trocas e a mútua influência discursiva entre os interlocutores nesse tipo de comunicação sempre ocorrem e isso é intrínseco ao discurso radiofônico. Pode-se afirmar, assim, que a interatividade é também uma característica do rádio ao se somar às pertinentemente discutidas por Ortriwano (1985, pp.78-83). Afinal, a interatividade, pensada como relação mútua ativa entre os sujeitos do processo comunicacional, é característica de toda a comunicação discursiva. Ela não figura apenas na conversação, pois o destinatário, ainda que não ‘fale’, sempre se mantém numa posição responsiva ativa e, dessa forma, atua diretamente na configuração do enunciado. Interatividade é diálogo, restrito ou ampliado. (MACIEL, 2009, p. 210)

Ao projetar a reflexão de Gisela Swetlana Ortriwano para o presente contexto é possível considerar que a via de mão dupla do rádio prevista por Brecht direciona-se para uma consolidação, mas ainda não possibilitou a plena interação com o ouvinte, que apesar de dispor dos mais diversos dispositivos no ambiente digital, ainda busca maior acolhida. Isso decorre, em parte significativa, da grande demanda da audiência e da ainda limitada capacidade de atendimento dos públicos pelas mídias. No jornalismo, mais especificamente na radioreportagem, a condição de *gatekeeper*, como revela o pesquisador e professor da Universidade Federal Fluminense, Felipe Pena (2012), assim como outros fatores associados ao trabalho executado pelo jornalista, como o processo de precarização e o acúmulo de tarefas dos profissionais, restringem a interação e, por consequência, à ampliação analítica dos fatos.

Vale salientar, no tocante a mensagem, a capacidade educativa do rádio, que se transforma em um efetivo recurso de produção e abordagem de conteúdos capaz de ampliar o processo de ensino-aprendizagem quando é utilizado para tal fim. Ortriwano (1985, p. 13) salienta, nesta esfera, que “as mídias e a mediação comunicativa não representam apenas recursos a mais dentro de um fazer já estruturado, mas, sim, o veículo, a situação e o ambiente privilegiados para sustentar a tríade conteúdos-habilidades-attitudes”. A radioreportagem, apesar de enfatizar a informação, também contribui para o processo educacional, ao expor fatos que permeiam a vida social e que indicam as trajetórias passadas e futuras dos indivíduos. Quando apropriado por alunos

e professores no ambiente escolar, este gênero jornalístico aplicado ao rádio surge como oportunidade favorável à compreensão dos diversos aspectos que envolvem a sociedade, assim como sua configuração posterior, atual e futura.

Vale, aqui, destacar o alerta de Ortriwano (p. 83): “o produto radiofônico – a mensagem – precisa respeitar as características do meio e as condições de recepção, devendo estar entre as preocupações básicas do emissor o fato de a mensagem radiofônica estar destinada apenas a ser ouvida”. A atenção às características do rádio, bem como sua reflexão alinhada a temas como a radioreportagem, também são para os jornalistas e comunicadores chances para entender o momento no qual está inserida a Comunicação, que nunca foi tão imprescindível a humanidade.

## REFERÊNCIAS

BERGER, C. E MAROCCO, Reportagem. In: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. 2ª ed.

BERTOLOTTI, R. **Sem energia elétrica, tribo de Paulinho segue Copa pelo rádio de pilha**. Matéria jornalística publicada pelo site UOL em 2 jun. 2014. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/23/sem-energia-eletrica-tribo-de-paulinho-segue-copa-pelo-radio-de-pilha.htm>>. Acesso em 01 de Jul. 2019.

BRECHT, B. Teorias do rádio (1927-1932). Tradução de Regina Carvalho e Valci Zuculoto. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005. p. 35-45.

CANATECH. Brasil é o 4º país com mais internautas, mas desigualdade da rede é um problema. Matéria jornalística publicada 5 Out. 2017. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/internet/brasil-e-o-4o-pais-com-mais-internautas-mas-desigualdade-da-rede-e-um-problema-101532/>>. Acesso em 01 de Jul. 2019.

CUNHA, A. G. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Lexikon Editorial. 4ª Ed.. 2013.

DEL BIANCO, N. R. **Radiojornalismo em Mutação na Era Digital**. 27ª Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/93547990338816167875365087967327564175.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

FERRARETTO, L. A. **Radiojornalismo no Brasil: do noticiário à convergência, alguns fragmentos históricos.** In: MOREIRA, Sonia Virgínia. **70 anos de Radiojornalismo no Brasil.** Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2011.

FERRAZ, N. **Reportagem no rádio: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem.** Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2017

GALVÃO JÚNIOR, L. C. **Gisela Swetlana Ortriwano e as características do rádio: reflexões em tempo de internet.** 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, Joinville, Santa Catarina, 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1600-1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

GOUVEIA, L. R. S. **Gisela Swetlana Ortriwano e o Radiojornalismo – uma trajetória de ensino.** Iniciação Científica/Programa Ensinar com Pesquisa. São Paulo: ECA/USP, 2010-2011. Disponível em: <[http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/antigo/textos/Gisela\\_Swetlana\\_%20Ortriwano\\_e\\_o\\_Radiojornalismo.pdf](http://www.usp.br/cje/radiojornalismo/antigo/textos/Gisela_Swetlana_%20Ortriwano_e_o_Radiojornalismo.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2018.

MACIEL, S. **A interatividade no diálogo de viva-voz na comunicação radiofônica.** Tese de doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na EC-USP, 2009.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.** São Paulo: Cultrix, 3. ed., 1971.

OLIVEIRA, E. **Jornalismo informativo.** In: **Enciclopédia Intercom de Comunicação.** V. 1. São Paulo: Intercom, 2010.

ORTRIWANO, G. S. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história.** São Paulo: Revista USP, n. 56, Dez/Fev. 2002-2003. p. 66-85. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/56/10-gisela.pdf>>. Acesso em: 10 Nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **Rádio: interatividade entre rosas e espinhos.** Revista Novos Olhares: São Paulo, Eca/USP. Ano 1, no 2, 2o semestre de 1998, pp. 13-30.

\_\_\_\_\_. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os (des) caminhos do Radiojornalismo.** Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1990.

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2012. 3ª.ed.

SAMPAIO, W. **Jornalismo audiovisual – teoria e prática do jornalismo no rádio, na televisão e no cinema**. Por João Walter Sampaio Smolka. Petrópolis: Vozes, 1971.

VELOSO, M. S. F. Técnicas de Jornalismo. In: **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. V. 1. São Paulo: Intercom, 2010.